



Sumário

Prefácio, 9

Apresentação, 11

Introdução, 15

Parte 1

1. Infância e adolescência, 19
2. Os anos de liberdade e despreocupação, 23
3. O horizonte escurece, 29
4. Fernand, 35

Parte 2

1. A primeira condenação, 39
2. O exílio, 51
3. A vida de boêmio, 53
4. Fernand, 57

Parte 3

1. A investigação preliminar, 73
2. A intimação da Kripo, 83
3. Eger, 91
4. O segundo processo, 99

Parte 4

1. Campo de concentração de Buchenwald – 8 de agosto de 1942, 105
2. Matrícula 7952 – triângulo rosa, 111
3. A pedreira, 115
4. O telhador, 121
5. Grandezas e desgraças do gênero humano, 127
6. A sexualidade no campo, 133

Parte 5

1. O vento muda de direção, 139
2. A libertação, 145
3. A caminho da França, 151

Parte 6

1. A vida após a libertação, 159
2. Edí, 163
3. As lembranças hoje, 169

Epílogo, 175

Bibliografia resumida, 179

Glossário de termos alemães, 181



Prefácio

A BIOGRAFIA DE RUDOLF BRAZDA chega em boa hora. Ela propõe uma abordagem esclarecedora do fenômeno dos campos de concentração e convida a uma reflexão crítica sobre a sociedade contemporânea, a qual se inscreve na pedagogia da memória almejada pela Fundação pela Memória da Deportação.

Na verdade, várias posturas são possíveis diante da problemática da memória da deportação. A primeira consiste em postular que essa memória se impõe por dever, condenando-nos a adotar uma atitude de prostração e de temor diante dos caminhos impenetráveis do mal ou nos deixarmos prisioneiros de nossa emoção única. Ela não resultaria, então, nem na aquisição de conhecimentos nem sobretudo em qualquer compreensão ou interpretação dos fatos.

Além disso, a história do nacional-socialismo se inscreve como o negativo da noção de estado de direito. Quanto mais penetramos na criminalidade nazista, mais nos conscientizamos de estar diante de um antímodo, uma espécie de “buraco negro” onde tudo desaparece. Torna-se grande, assim, o risco de perder irremediavelmente a confiança no mundo. Esse caminho conduz à desesperança e, portanto, ao impasse.

Outro caminho parece possível. Consiste não mais em uma imersão ritual na história mortífera desse passado, mas em servir-se dessa história para fazer uma leitura crítica do presente.

O que aconteceu em tal período é testemunho de um prejuízo infinito para a esfera de solidariedade entre tudo aquilo que tenha uma face hu-

mana. Nesse desencadeamento extremo de elementos contrários às tradições do pensamento e ao funcionamento normal das sociedades, colocou-se de repente a questão da norma das relações sociais. A fronteira entre normalidade e anormalidade viu-se abolida. A diversidade da espécie humana tornou-se fator de incômodo. A consciência individual dissolveu-se no coletivo; a burocracia ambiente elevou o desprezo a norma de relacionamento, a irresponsabilidade a norma de consciência, a força a norma de ação e o crime a norma de saúde social e racial.

O conhecimento que temos dessas inversões afeta as regras comportamentais da sociedade? Será que o retorno ao presente e a apropriação do passado, aos quais nos convida a história, nos questionam sobre a relação entre normalidade e anormalidade que se pretende critério de avaliação social?

A aceitação do outro com sua diferença incorpora-se ao campo da reflexão prospectiva sobre as relações de oposição e de cumplicidade entre o que é normal e o que não é.

A perseguição aos homossexuais pelo regime nacional-socialista é uma chave de acesso à análise crítica do presente e das normas comportamentais que o caracterizam. Ela não é, nem de longe, a única, e aqui pensamos naturalmente em todos os tipos de “rejeição” cultural, “racial” ou física.

O rigoroso trabalho biográfico que Jean-Luc Schwab nos entrega deve ser lido sempre com essa questão em mente. Ele é uma ocasião para lembrar também que a banalidade do mal, que esteve no âmago da criminalidade nazista, não significa que o mal seja banal, mas que o banal pode ser a fonte do mal em qualquer sociedade civilizada. Se a imersão nessa história singular e atípica permitir que se vá fundo nessa conscientização, esta obra terá cumprido seu papel.

MARIE-JOSÉ CHOMBART DE LAUWE

Presidente da Fundação pela Memória da Deportação



Apresentação

FOI UM ARTIGO DO JORNAL *L'Alsace* de 29 de junho de 2008 que pôs fim, na França, ao longo anonimato de Rudolf Brazda, poucos dias depois de seu 95.º aniversário.

Na primeira página, o jornal destacava as informações colhidas na véspera por um correspondente berlinense. Ele lembrou um “alemão [...] gay e mártir dos nazistas” que vive perto de Mulhouse. Mais adiante, consagrou meia página a esse convidado especial da Parada do Orgulho Gay na capital alemã. Para muitos, a surpresa é grande, pois os últimos sobreviventes conhecidos dos que haviam sido deportados por homossexualidade não estavam mais neste mundo.

Para mim, a existência até então ignorada desse homem, morador de uma localidade próxima, tinha muito mais importância. Quase dois meses antes, eu acabara de aceitar, com alguma resistência, a função de representante regional de uma associação dedicada à divulgação e ao reconhecimento dessa deportação – uma deportação de que não se falava havia muito tempo. Por mais improvável que pareça, surgia de repente a oportunidade de encontrar uma rara testemunha. Além disso, uma testemunha cuja experiência ainda não havia sido contada...

Apesar de nascido e criado na Alemanha, Rudolf nunca adquiriu a cidadania alemã. Claro, ele fala alemão e está impregnado de cultura germânica, mas... Essa precisão, *a priori* sem importância, não implica uma vontade dos franceses de se apropriar dessa história. Contudo, ela se faz necessária pelas confusões que cercaram as primeiras informações refe-

rentes a Rudolf. Ela também evidencia os diversos riscos de imprecisão inerentes a um trabalho biográfico.

Apoiar-se unicamente na narrativa oral de uma pessoa é um exercício imprevisível, sobretudo quando acontecimentos históricos lhe servem de pano de fundo. Por isso, para recompor a trajetória de Rudolf da maneira o mais exata possível, recorri a várias centenas de horas de entrevista com diferentes fontes. Também me auxiliaram alguns documentos de época ainda sob sua possessão, o testemunho de outras pessoas que conviveram com ele ou com seus conhecidos e as numerosas pesquisas pessoais em arquivos alemães, tchecos e franceses. A eles foram acrescentadas diversas viagens a esses antigos lugares ligados à vida e ao confinamento de Rudolf, entre as quais duas em companhia dele, em março e novembro de 2009.

Esse trabalho de reconstituição foi para mim um empreendimento emocionante e muito comovente, mas tenho consciência de que não pretende ser exaustivo. Sem dúvida, restam algumas incertezas, pois os documentos de época ou as pessoas capazes de confirmar determinados fatos não existem mais.

Nesse caso, sempre que possível, preferi a dúvida do historiador às afirmações que não puderam ser verificadas. Além disso, decidi omitir o sobrenome das pessoas citadas nos arquivos judiciários, ainda mais quando não foi possível encontrar o paradeiro delas após a guerra. Em certos casos, fiz algumas mudanças nos sobrenomes, que foram assinaladas. Quanto àqueles que cruzaram a vida de Rudolf no campo de concentração de Buchenwald ou depois, não citei seu sobrenome a pedido de seus descendentes ou parentes.

O testemunho de Rudolf Brazda é único sob vários aspectos. Em primeiro lugar, ele constitui uma faceta de uma verdade histórica mais ampla e muito pouco documentada: a deportação por homossexualidade. Depois, ele conta a vida de um grande otimista, cuja capacidade de admiração permaneceu intacta. Suas várias gargalhadas e seu entusiasmo indefectível não podem ser separados de sua surpreendente longevidade. Uma distância e tanto das agruras do passado!

Assim, minha motivação foi apresentar, a partir de suas experiências e sob seu controle – material de apoio –, a narrativa original e fora do comum desse testemunho da história, inserindo-a no contexto da época. A existência de Rudolf se inscreve nas vicissitudes de uma Europa em plena mutação a partir do fim do século XIX. O mesmo se aplica às pessoas em geral desconhecidas que balizaram sua trajetória por episódios históricos e os viveram.

No momento em que terminava de reunir os elementos deste livro, descobri na casa de Rudolf um pequeno medalhão. O objeto se abriu. Dentro dele, duas fotos: os dois homens que marcaram profundamente sua vida. Assim como esse medalhão, este livro se abre também para a vida deles, tendo por eixo a extraordinária trajetória de Rudolf.

JEAN-LUC SCHWAB

Janeiro de 2010



Introdução

APÓS A BATALHA DE SADOWA, que opôs a Prússia à Áustria em 1866, vemos a afirmação de duas grandes entidades nacionais no centro da Europa. Trata-se de dois impérios, o Austro-Húngaro, constituído em 1867, e o Alemão, formado mais recentemente, em 1871. A criação deste ocorreu depois da derrota, um ano antes, das forças francesas de Napoleão III no Norte da Alsácia e no Mosel¹, diante dos exércitos alemães reunidos pela Prússia.

A história é feita de coincidências perturbadoras, pois será nessas três entidades territoriais – ou naquelas que sucederão a elas depois da Primeira Guerra Mundial – que a vida de Rudolf Brazda seguirá seu curso, agitada ao sabor dos imprevistos históricos e políticos de um continente em plena transformação. Daí a Europa central, que abandona progressivamente seus regimes monárquicos, perder-se em equívocos trágicos que terão um impacto na vida de Rudolf e daqueles que ele conheceu e amou.

Hoje, Rudolf é um nonagenário alerta, cuja vitalidade e alegria de viver nunca deixam de surpreender. Mas foi somente em 2008 que ele se manifestou e testemunhou publicamente a respeito de sua deportação

1. Embora a denominação francesa dessa divisão territorial da França seja “la Moselle” (a Mosela, em português de Portugal), usamos neste livro o termo mais empregado no Brasil, o Mosel, nome tanto desse departamento quanto do rio que o atravessa e corre para Luxemburgo e a Alemanha. [N. E.]

por ser homossexual, e ele talvez seja o último sobrevivente desse processo. Rudolf nos oferece aqui, neste primeiro testemunho escrito, a narrativa de uma experiência insólita, que vai muito além do período nazista, e sem dúvida muito determinante em sua trajetória de vida.

parte 1 |||||

Infância e adolescência

NO FINAL DO SÉCULO XIX, as relações entre as duas grandes potências da Europa central se normalizaram. É nesse contexto político e num panorama de industrialização galopante que nasceram na Boêmia, na região de Plzeň (Pilsen), Emil Adam Brazda e Anna Erneker, pais de Rudolf. A Boêmia fazia parte do Império Austro-Húngaro, e a situação econômica forçava muitas pessoas das classes sociais mais baixas a partir em direção a terras estrangeiras próximas para encontrar trabalho. Foi em meio a esses emigrantes que os pais de Rudolf se conheceram na Saxônia, estado alemão fronteiro à sua região de origem.

Ambos foram empregados pelo setor da mineração. Emil Adam dirigia a locomotiva que puxava os trens de carvão fóssil, e Anna incumbia-se das tarefas domésticas nos prédios administrativos da mina. Depois de terem morado em um lugar afastado da Saxônia, o casal e seus filhos se mudaram para um alojamento da mineradora, no vilarejo de Brossen, município ligado administrativamente à Saxônia.² É lá que nasceu Rudolf, no dia 26 de junho de 1913. Ele é o caçula dos oito filhos, cinco meninas e três meninos, nascidos dessa união. Dezesete anos o separam da primogênita e, na época de seu nascimento, algumas de suas irmãs mais velhas já haviam saído de casa para satisfazer as próprias necessidades e desobrigar os pais.

Rudolf, por sua vez, não tem tempo de conhecer melhor o pai. Em julho de 1914, Emil (chamado de Adam, para não ser confundido com seu

2. Em 1973, Brossen, reincorporado a Meuselwitz, volta a pertencer à Turingia.

primeiro filho), cidadão austro-húngaro, é convocado para se juntar à linha de frente sérvia. Rudolf tem somente um ano. Cinco longos anos se passam até que Adam, capturado pelas forças italianas, possa retornar a Brossen. As razões desse retorno tardio não estão ligadas somente à sua prisão militar³, como atesta um documento emitido pelo Ministério da Defesa tchecoslovaco no dia 14 de fevereiro de 1925. Os detalhes de suas fichas de serviço mostram que, a partir do dia 25 de outubro de 1918, Adam Brazda teve de cumprir novamente o serviço militar, mas dessa vez por causa do novo Estado da Tchecoslováquia, do qual acabaria se desligando. Esse período de serviço militar soma-se aos dois meses prestados em 1895 no exército imperial e aos anos de guerra junto às tropas da Áustria-Hungria, antes do desmantelamento do império, no final de 1918.

Só em 13 de setembro de 1919 Adam é dispensado do exército tchecoslovaco em Písek, na região Oeste da Boêmia, na qual havia nascido. Ele parte, então, para reencontrar sua família, que ficara na Saxônia. A Alemanha mudou bastante nesse ínterim. O país tornou-se uma república e o imperador Guilherme II havia tomado o caminho do exílio.

Informado da chegada iminente desse pai que ele conhecia muito pouco, Rudolf espera com impaciência seu retorno. Diante do portão de sua residência natal, um lote de granja com um pátio longo que dava para a Dorfstrasse de Brossen, ele não para quieto. Então, chega um homem que passa diante dele sem dizer palavra e se dirige à casa principal, no fundo do pátio. Adam, ausente todos esses anos, não reconhece imediatamente seu filho caçula, que era apenas um recém-nascido quando ele partiu para a guerra... Rudolf cresceu, e todos deveriam reaprender a viver juntos. Três anos se passam até a morte acidental de Adam. Rudolf, ainda muito jovem nessa época, só guarda raras lembranças da presença do pai, geralmente emocionantes. A casa é tão pequena para abrigar toda a família que Rudolf dorme na cama dos pais. Ele se lembra destas palavras ditas por seu pai porque, deitado de costas, com os joelhos dobrados para

3. Hoje, seu filho tende erroneamente a atribuir a morte do pai às más condições da prisão, sobretudo à subnutrição enfrentada durante o cativeiro.

simular uma tenda com os lençóis, ele o interpelou amavelmente: “Estique as pernas, senão elas não crescerão nunca!”

Seus pais têm como ponto de honra só falar em alemão com os filhos, pois é essencial que eles se integrem em seu país natal. O tcheco é reservado às conversas entre adultos. Rudolf não desconfia ainda que esse detalhe terá um impacto decisivo em sua trajetória. Depois de ter retomado a atividade na mina de carvão fóssil de Mumsdorf, uma vila vizinha, Adam morre em consequência de um acidente de trabalho, em 6 de maio de 1922. Ele deixa aos cuidados de sua viúva a maioria dos filhos dessa numerosa família.

A mulher de Adam e seus filhos permanecem na casa e vivem modestamente, mas não passam fome. Todos apreciam o almoço do domingo, com o tradicional porco assado acompanhado de repolho e *Knödel*⁴ preparados segundo uma receita tradicional da Boêmia. Rudolf aprende alguns rudimentos de culinária e rapidamente adquire certa autonomia quando sua mãe está no trabalho. Exceto isso, nada o distingue das outras crianças de Brossen. Ele frequenta a escola pública e encontra seus colegas para brincar ao longo do Schnauder, o riacho que margeia a cidade ao sul.

Nem sempre é um modelo de menino. Com outros traquinas, ele às vezes rouba as salsichas penduradas no balcão do açougueiro. Ele sai correndo, então, para comê-las escondido à margem do reservatório alimentado pelo riacho. É nesse lugar que, por travessura, ele já empurrou para dentro d’água vários companheiros de brincadeira, às vezes até meninas, que iam em seguida à sua casa para se secar!

Com 14 anos, depois de ter repetido um ano, ele abandona a escola. Uma de suas irmãs o inicia com sucesso na costura e ele tem várias oportunidades de ajudá-la em seus trabalhos. Ele demonstra talento nessa área, o que vai se revelar muito útil anos mais tarde. Mas, naquele momento, ele adoraria se tornar vendedor e decorador em uma loja de confecções masculinas...

4. Bolinhos feitos de batatas cozidas, espremidas e temperadas e depois fervidos. [N. E.]